



“A POESIA SALVA”: JUVENTUDE (S), SARAU DA ONÇA E A EDUCAÇÃO POPULAR¹

“POESÍA SALVADA”: JUVENTUD, SARAU DA ONÇA Y EDUCACIÓN POPULAR

“POETRY SAVED”: YOUTH, SARAU DA ONÇA AND POPULAR EDUCATION

Tatiane Pereira dos Santos²

Marcos Luciano Lopes Messeder³

RESUMO

Este artigo trata das experiências educativas de jovens da periferia de Salvador no contexto de um sarau de poesia. A primeira parte apresenta o quadro geral da pesquisa de mestrado que originou este trabalho, discutimos o horizonte teórico e o desenho metodológico, que toma como base as narrativas das pessoas jovens que integram o coletivo de poesia. Expomos ao longo do texto os discursos dos jovens e das jovens sobre suas experiências no Sarau e articulamos essas falas com a literatura sobre educação popular, poesia marginal, descolonização, literatura e racismo. Ao final concluímos pelo sentido crítico e transformador do processo educativo vivenciado e seus significados éticos, estéticos e políticos para aqueles que os produzem.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude (s) periféricas. Experiências educativas. Poesia marginal. Descolonização.

RESUMEN

Este artículo aborda las experiencias educativas de jóvenes de la periferia de Salvador en el contexto de una velada de poesía. La primera parte presenta el marco general de la investigación de maestría que dio origen a este trabajo, discutimos el horizonte teórico y el diseño metodológico, el cual se basa en las narrativas de los jóvenes que integran el colectivo poético. A lo largo del texto, exponemos los discursos de hombres y mujeres jóvenes sobre sus experiencias en Sarau y articulamos estas declaraciones con literatura sobre educación popular, poesía marginal, descolonización, literatura y racismo. Al final, concluimos por el significado crítico y transformador del proceso educativo vivido y sus significados éticos, estéticos y políticos para quienes los producen.

¹ O presente trabalho foi realizado com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

² Mestre em Educação e Contemporaneidade. Programa de Pós- Graduação em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, Bahia, Brasil.

³ Doutor em Antropologia e Sociologia. Universidade Lumière Lyon 2. Professor Titular Universidade do Estado da Bahia. Salvador, Bahia, Brasil.

PALABRAS-CLAVE: Jóvenes periféricos. Experiencias educativas. Poesía marginal. Descolonización

ABSTRACT

This article deals with the educational experiences of young people from the outskirts of Salvador in the context of a poetry soiree. The first part presents the general framework of the master's research that gave rise to this work, we discuss the theoretical horizon and the methodological design, which is based on the narratives of young people who make up the poetry collective. Throughout the text, we expose the speeches of young men and women about their experiences at Sarau and articulate these statements with literature on popular education, marginal poetry, decolonization, literature and racism. In the end, we conclude by the critical and transformative meaning of the educational process experienced and its ethical, aesthetic and political meanings for those who produce them.

KEYWORDS: Peripheral youth(s). Educational experiences. Marginal poetry. Decolonization

Introdução

A pesquisa buscou refletir sobre a experiência educativa e estética no coletivo cultural Sarau da Onça, a partir do ponto de vista dos jovens participantes.

Decidimos⁴ pesquisar o coletivo cultural Sarau da Onça criado por poetas e ativistas culturais de Sussuarana em um bairro periférico da cidade de Salvador. Entendemos que a organização de um espaço cultural protagonizado por sujeitos desse território e frequentado por jovens habitantes do local, configura um universo interessante para compreender as possibilidades de elaboração de projetos de vida entre jovens vulnerabilizados pelas condições econômicas, políticas e racializadas da sociedade brasileira. Considerando o exposto, algumas indagações orientaram a pesquisa: Como e quais são as experiências educativas proporcionadas pelo Sarau da Onça? Como elas repercutem nos jovens, e como estes as representam? Que perspectivas estéticas são aí engendradas?

Tais questões se colocam por considerarmos também que as dimensões dessa experiência dialogam com a concepção da educação popular. Conforme Carlos Brandão (2000, p.26):

⁴ Informamos que fazemos oscilar o uso da primeira pessoal do plural (que prevalece a maior do tempo) e da primeira pessoa do singular. Nesse caso para indicar que se trata da experiência pessoal da pesquisadora, autora principal do artigo, mas que conta com a participação de outro autor.

A educação popular como um trabalho coletivo e organizado do próprio povo, a que o educador é chamado a participar para contribuir, com o aporte de seu conhecimento “a serviço” de um trabalho político que atua especificamente no domínio do conhecimento popular.

O Sarau da Onça é um grupo idealizado por jovens moradores da Sussuarana. O grupo surgiu a partir da necessidade de sensibilizar as pessoas quanto aos problemas da comunidade, além de combater o aumento da violência contra os jovens negros. Como diz o grupo, em depoimento: “A arma utilizada são as palavras da boca dos poetas e poetizas das baixadas e vielas do bairro”.

Para tratar do campo empírico, recorreremos aos estudos do pesquisador da UNEB, Marcio Nery de Almeida (2007), que elaborou uma pesquisa de mestrado sobre a história do bairro e a perspectiva de ancestralidade. No território de Sussuarana (Sussuarana Velha, Nova Sussuarana, Novo Horizonte e adjacências), havia vegetação composta por diversas espécies de Mata Atlântica, abrigando também animais característicos deste tipo de vegetação. A área era de ocupação indígena e teve, posteriormente, a implantação de fazendas.

De acordo com Almeida (2007, p. 18), “os bairros de Sussuarana possuem esta denominação devido à presença, no passado, desta espécie de animal, a onça parda ou onça suçuarana, na região, e do contato entre antigos habitantes com o animal”.

É interessante enfatizar o referencial simbólico da Onça Suçuarana⁵ e do Zé da Onça para os moradores do bairro, até mesmo nos dias atuais. Para o pesquisador da UNEB Sérgio da Silva (2013, p. 56):

Quando o bairro foi “fundado”, este aconteceu, que vive forte no imaginário da população, veio à tona e deu todo significado àquela região, batizando o bairro de Sussuarana, perpetuando a existência simbólica, sertaneja e de coragem, (re)significando as relações do ato corajoso com a onça junto à forma de viver e se organizar desse lugar [...].

É possível associar essa simbologia ao nome do Sarau da Onça, bem como ao nome de um dos idealizadores, o Sandro Sussuarana. A Onça representa a força, a superação e estratégia para sobrevivência,

⁵ A grafia do nome do animal pardo se escreve com ç – suçuarana, mas a grafia que hoje denomina o bairro é com dois SS – Sussuarana. Esta não é reconhecida pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, mas a *comunalidade* mantém a grafia antiga, já que quando surgiu se escrevia com SS e hoje há uma grande identificação com esta forma de escrita (Silva, 2013, p. 56).

Demonstra também como a territorialidade Sussuarana constitui-se significativamente como espaço de autoafirmação existencial, de afirmação de uma identidade própria, local, coletiva, em constante diálogo e também em contraposição a uma possível ordem estabelecida (Almeida, 2007, p.17).

Assim, o estigma da periferia quanto à violência e à predominância do tráfico de drogas é naturalizado e exaltado pela mídia, como por exemplo, na reportagem do jornal Correio da Bahia publicada no dia 09.03.2019: “Dois homens são mortos em Sussuarana em represália à morte de chefe do tráfico”. Por outro lado, o contexto do Sarau da Onça propaga um olhar da periferia, em especial, Sussuarana e seus moradores, como produtores de arte e cultura, ressaltando a potência da periferia. Destacamos um trecho da poesia “Favela graduada” de Sandro Sussuarana que consta no livro organizado pelo Sarau da Onça (2019, p. 32)

[...] Já passou da hora de a gente se informar. De entender que ser malandro mesmo é estudar deixar os racistas tudo com raiva e se formar. Esfregar o diploma na cara deles e gritar. Que a revolução não vai ser com armas. Vai ser com papel, caneta e a favela toda graduada!

A metodologia adotada na pesquisa é qualitativa, o que permitiu entender a diversidade das experiências e visões de mundo de jovens da periferia, como afirma M^a Cecília Minayo (2010, p.198):

Certamente o número de pessoas é menos importante do que o empenho de enxergar a questão sob várias perspectivas e pontos de vista. A validade da amostra está na sua potencialidade de objetivar empiricamente, em todas as suas dimensões.

Ao propor e reconhecer o protagonismo destes jovens, consideramos que a abordagem etnográfica se colocou como o caminho metodológico mais adequado para dar conta do empreendimento da pesquisa. Aqui abraçamos a perspectiva de Clifford Geertz (2008, p.7) segundo a qual tal prática de pesquisa se define como “uma descrição densa” dos sentidos elaborados pelos sujeitos na vida social e acrescenta que fazer etnografia é:

[...] como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.

Foram realizadas entrevistas com os organizadores, com a finalidade de levantar informações referentes ao grupo e aos jovens participantes, tais como a constituição histórica, objetivo, desenvolvimento das ações, o campo educativo e a relação com os

jovens, dentre outros aspectos. As experiências narradas pelos jovens nas rodas de conversa (presencial e via videoconferência) e na entrevista individual (via rede social) estarão presentes ao longo do texto, dialogando com os autores e os objetivos da pesquisa; além delas, também trechos de poesias obtidas dos livros organizados pelo Sarau da Onça.

Adoto aqui a ideia de escrevivência, de autoria da escritora Conceição Evaristo, como método que serve de inspiração na pesquisa dos sujeitos. O sentido decolonial da escrevivência foi utilizado em vários momentos na análise das experiências narrativas dos jovens. Veremos que ela se apresenta com sentido agudo da experiência estética.

A Escrevivência pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua escrita, e muitas vezes o é. Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade (Evaristo, 2020, p.35).

Cabe ressaltar os aspectos éticos da pesquisa, pois, para a participação dos interlocutores, solicitamos de todas as pessoas a assinatura do termo de consentimento, porém conforme solicitado pelos organizadores do Sarau da Onça e pelos jovens entrevistados, manteremos os nomes com os quais se identificam. Desse modo, quem são os 06 jovens frequentadores do Sarau da Onça que participaram da pesquisa?

Dos 06 jovens que aceitaram dialogar conosco, 02 são do sexo feminino e os demais, do sexo masculino. Com relação à faixa etária, a maioria dos pesquisados encontra-se na faixa etária de 17 a 24 anos. Somente um entrevistado mora no bairro da Liberdade, os demais são da “Grande Sussuarana”.

Em relação à escolaridade, apenas 1 frequentou o ensino particular. Dos jovens entrevistados, 02 estão inseridos na universidade. Já 02 declararam estar cursando o ensino médio e, dos 02 que já concluíram o ensino médio, 01 está tentando entrar na universidade. No que se refere à questão do trabalho, a maioria dos jovens está desempregada; apenas uma é estagiária (com renda de R\$ 400,00 mensais); os demais realizam atividades informais, sem uma definição exata de renda.

No que concerne à questão da cor, 02 dos entrevistados se declaram negros e os demais se identificam como pardos. Em relação à religião, somente 01 segue o Candomblé; os demais se declaram sem religião, sendo que a maioria diz se identificar como agnóstico.

Uma questão que merece ser apontada refere-se à família dos jovens. Observa-se que a maioria dos entrevistados mora com algum dos genitores (pai ou mãe). Desses, 01 mora com os 02 genitores, e apenas 01 mora com os avós maternos. Há presença de irmãos em 03 lares. Em relação a emprego e renda familiar, varia entre atividades informais, aposentadoria e serviço público, com renda aproximadamente de R\$ 500,00 a R\$ 1.500,00 e somente um casal com renda de R\$ 5.000. Em relação à escolaridade, os pesquisados informam que seus familiares estão entre analfabetos e ensino médio e apenas uma família tem membros com nível superior.

Os dados acima mencionados refletem o perfil dos jovens entrevistados, revelando, em alguns aspectos, uma diversidade da realidade, apesar de todos serem oriundos das periferias.

Sarau da onça: as experiências educativas e estéticas da(s) juventude(s)

A educação popular, conforme as pesquisas de Brandão, (2000, p.23):

[...] 1) constitui passo a passo (“aos tropeços”, dirão os seus críticos) uma nova teoria, não apenas de educação, mas das relações que, considerando-a a partir da cultura, estabelecem novas articulações entre a sua prática e um trabalho político progressivamente popular das trocas entre o homem e a sociedade, e de condições de transformação das estruturas opressoras desta pelo trabalho libertador daquele; 2) pretende fundar não apenas um novo método de trabalho “com o povo” através da educação, mas toda uma nova educação libertadora, através do trabalho do/com o povo sobre ela — este é o sentido em que a educação popular projeta transformar todo o sistema de educação, em todos os seus níveis, como uma educação popular [...].

Consideramos que o Sarau da Onça se enquadra como um projeto de educação popular, baseado na sua história contada a partir da narrativa de seus fundadores, buscando os princípios e ações que o caracterizam como movimento desta natureza.

Para obter informações sobre o Sarau da Onça, foi realizada entrevista com os idealizadores do coletivo, Sandro Ribeiro dos Santos e Evanilson Alves. Quem é o artista conhecido como Sandro Sussuarana? Idealizador do Sarau da Onça, poeta, produtor cultural, escritor, articulador de juventude, slammer (poeta do slam), slamaster, organizador e coordenador do Centro Pastoral Afro Pe. Heitor (Cenpah), estudante do 6º semestre do curso de Serviço Social, professor de capoeira, integrante do grupo Recital Ágape e Agente Pastoral Negro (APN), organização em que atua com questões negras a nível nacional. Em 2017 publicou o seu livro solo “Verso(s) Sob(re) Mim”.

E quem é Evanilson Alves? Idealizador do Sarau da Onça e do Grupo Recital Ágape, poeta, slammer, slamaster, articulador de juventude, professor da Fundação da Criança e do Adolescente (FUNDAC), produtor cultural e também escritor (informações adquiridas através do instagram do poeta). Hoje, Evanilson e Sandro têm suas atividades associadas ao Sarau da Onça, bem como suas agendas particulares ligadas a arte poética e literária, tendo como exemplo disso, os projetos desenvolvidos através da participação em editais.

O Sarau da Onça iniciou como um evento periódico, hoje também é um coletivo. A 1ª edição do Sarau da Onça ocorreu em 7 de maio de 2011 e, nessa época, os organizadores eram Sandro, Evanilson Alves, Maiara Guedes e Omael Vieira (morador da Engomadeira, único integrante que não morava na Sussuarana). Evanilson aponta que, além dele, atualmente o grupo é composto por Sandro (ambos são responsáveis pela coordenação e apresentação dos eventos), a jornalista Daiane (atuante na relação pública), a fotografa fica com Ray Alcides e Diego França na parte do designer.

Sandro relata que o objetivo inicial era contrapor-se às informações pejorativas acerca do bairro de Sussuarana, pois falavam que estava entre os três mais violentos da capital, com 23 mortes por final de semana; bem como nasceu do intuito de dialogar com os grupos culturais do bairro para fortalecer o movimento e contrapor-se às informações negativas acerca da periferia, pois a mídia não veiculava as atividades culturais e sociais.

Nessa época, quando foi pensado o Sarau da Onça, Sandro participava do grupo Juventude Negra pela Paz. A partir de um levantamento sobre o que era positivo e negativo do bairro e o que era veiculado pela mídia, foram observadas ações que não eram exibidas na TV, tais como: Hip Hop da Onça, Caminhada de Consciência Negra, Noite da Beleza Negra, Centro Afro de Promoção e Defesa da Vida Ezequiel Ramin (Capdever), Cenpah, Sarau, teatro, Urbanidade Nagô (grupo de percussão que há 25 anos dá aulas gratuitas na comunidade) e os festivais.

Em alguns eventos, os idealizadores desabafaram sobre o desafio para manter as atividades. Sandro enfatizou:

Um dos maiores desafios de fazer Sarau é não ter final de semana, quando conseguimos compreender que o Sarau era um bem maior e necessário, não pesou para a gente o fato de nós passarmos finais de semana seguidos sem nos “divertir”. Porque o Sarau além de um trabalho maravilhoso também é uma diversão [...]. Mas também é um desafio para a gente muito grande, compreender que esses finais de semana, embora sejam importantes também são desgastantes.

Nesse contexto, acrescento que, em 2019, Bolha⁶ começou a organizar o Sarau e o Slam da Rua, no final de linha da Sussuarana Velha.

O Slam e o Sarau da Rua foi uma experiência nova para mim, eu nem sabia como eu fazia, nos primeiros é claro que era meio travado. No Sarau e no Slam dou um intervalo entre um ou outro porque eu já conheço o método de Sandro e Evanilson. Eu usei a minha personalidade pelo que ocorria e muito pelo que eu via neles também, o jeito deles se apresentarem.

Bolha explanou as dificuldades para organizar as atividades culturais:

É muita dificuldade você organizar um evento na favela, mas a gratificação é grande também. A questão de você conseguir o local, o som, microfone, chamar os artistas [...] O Slam era na frente da rua, no caso onde acontecia o tráfico, só que não tinha nada a ver, aí teve uma vez que um sargento parou lá aí mandou desligar o som, falou um monte de coisa lá e depois a gente conversou e deixou continuar o Slam até um certo horário. Sendo que a gente entregava o ofício na companhia, só que o ofício não era carimbado, não era mandado para prefeitura, mas eles estavam cientes que ia acontecer o evento. E aí depois disso que aconteceu desanimou bastante.

Cabe enfatizarmos o protagonismo do jovem entrevistado no desenvolvimento de atividades culturais politizadas, na construção de saber e o desejo de multiplicar o acesso dos jovens periféricos ao conhecimento da opressão e libertação, da riqueza da cultura da periferia, mesmo considerando os desafios encontrados no percurso. Percebe-se ainda, na situação tratada, a maneira como um agente policial age, assumindo uma postura repressiva, o que certamente contribui para a imagem já negativa que a polícia tem na visão dos jovens. Ao longo do texto, teremos depoimentos que revelam o protagonismo dos jovens entrevistados, na busca de outra realidade para si e para os moradores da periferia, e como a poesia marginal e o Sarau da Onça colaboram nesse processo.

No que concerne à participação em editais, segundo Sandro, o primeiro que participou foi do Calendário da Arte, mas foi desclassificado, pois desconhecia os documentos necessários. Isso foi importante para aprender o processo (documentação e escrita) e ser contemplado em outros editais. “Quando aprendemos, buscamos ensinar os nossos de como participar e da importância de participar dos editais, pois é dinheiro público, e é nosso, e está lá para ser usado”.

⁶ Bolha, 17 anos, morador da Sussuarana, reside com os avós maternos, está cursando o ensino médio, realiza trabalho informal, declara ser pardo. Bolha namora com Paula, uma das jovens entrevistadas.

Sandro complementa sobre a importância de “estimular que outros projetos de bairros periféricos que começaram a surgir, e outros que já existiam, pudessem acessar esses espaços, para ter condições de melhorar suas ações dentro da sua comunidade”, pois “não ensinamos a escrever os projetos, mas como participar dos editais, documentação, etc. Isso faz a diferença na hora de concorrer com os grandões”.

Segundo relatos do idealizador, a participação de grupos culturais das periferias em editais é um avanço alcançado através de lutas e redes de solidariedade. Pois todo o processo é complexo e, geralmente, os grupos que têm maiores conhecimentos e recursos, tanto para construção do projeto, bem como para os ajustes das documentações exigidas, são os contemplados.

Como é importante o recurso dos editais para o desenvolvimento de projetos nas periferias no sentido de valorização do que é feito nesses espaços, bem como do fortalecimento da cidadania. O Sarau da Onça foi contemplado nos editais de 2014, 2017 e 2019⁷, desenvolvendo o Festival de Arte Cultura. O projeto consistiu em realizar oficinas, saraus, lançamento de livro e amostra final, isso durante 06 meses e as oficinas foram realizadas no Cenpah.

Conforme Sandro, como o grupo também realiza atividade formativa, para que as pessoas participem de outras esferas da arte, como o grafite, parceiros eram convidados para realizar oficinas, em curto tempo de duração. Em seguida, a atividade se encerrava com uma amostra no final do mês de maio (de 2014, 2017 e 2019), apresentando os resultados, dando oportunidade para outros acessarem o que foi construído nas oficinas. Assim, destaco os estudos de Danilo Streck e M^a Esteban (2013, p. 27):

Potenciar o caráter emancipador da educação popular a partir das práticas pedagógicas não consiste em divulgar conteúdos críticos, mas em incorporar estratégias e critérios para a formação de pensamentos e subjetividades críticas e emancipadoras.

É frequente durante esses eventos a realização de mesas de debates sobre temas literários, artísticos e políticos. Quando não ocorriam esses momentos “puxávamos algum assunto, na perspectiva de passar aquilo que achávamos que era importante para as pessoas

⁷ Em 2014 aconteceu o I Festival de Arte, Cultura e Concurso Literário Sarau da Onça, aprovado pelo edital da Fundação Gregório de Matos. Em 2017 aconteceu o II Festival de Arte, Cultura e Concurso Literário Sarau da Onça, aprovado nos Editais de Literatura da Fundação Cultural do Estado da Bahia, projeto patrocinado pelo Governo do Estado, através do Fundo de Cultura do Estado, Secretaria da Fazenda e Secretaria de Cultura do Estado da Bahia. Em 2019 aconteceu o Festival de Arte, Cultura e Concurso Literário Sarau da Onça, aprovado no edital “Arte Todo dia Ano IV” da Fundação Gregório de Matos, da Prefeitura de Salvador.

que frequentavam o Sarau da Onça”. Nesse sentido, numa noite de Slam, para “puxar assunto”, apresento a narrativa de Sandro referente à experiência em oficina realizada numa escola pública. O idealizador provocou os estudantes a refletirem sobre a relação do personagem “Cascão” ser negro e a única criança que não gosta de tomar banho, “o sujo”, questionando, assim, quem gostaria de ser o negro nessa história. Para Miguel Arroyo (2014, p. 27):

O mais importante na pedagogia da prática da liberdade e do oprimido não é que ela desvia o foco da atenção pedagógica deste para aquele método, mas dos objetos e métodos, dos conteúdos e das instituições para os sujeitos. Paulo não inventa metodologias para educar os adultos camponeses ou trabalhadores nem os oprimidos, mas reeduca a sensibilidade pedagógica para captar os oprimidos como sujeitos de sua educação, de construção de saberes, conhecimentos, valores e cultura. Outros sujeitos sociais, culturais, pedagógicos em aprendizados, em formação.

A ação pedagógica dos membros do Sarau se estende, portanto para os espaços institucionais e dialoga com a realidade experimentada pela juventude local, permitindo que reflitam sobre o sentido das relações étnico - raciais que se expressam no universo dos quadrinhos infantis tomados, muitas vezes, como conteúdos inocentes e puramente lúdicos.

Significados Educativos da vivência dos jovens no Sarau

Na conversa com os jovens sobre o Sarau da Onça, recolhemos os seguintes relatos:

Larry⁸ afirma que:

Eu vi muita gente que chegou lá com algumas ideias meio controversa com a sua realidade. A pessoa preta, pobre favelada e tá defendendo uma ideologia narcocapitalista de gente rica, sobre livre mercado. Aí a pessoa com o tempo vai parando para pensar e acaba que a ideologia da pessoa pode mudar, porque a gente não impõe nossa ideologia a ninguém.

Bolha acrescenta que:

Quando você vem para o Sarau e quando você sai do Sarau é um choque de realidade, sai com mil coisas na mente, pensando mil fitas [...] mudou minha forma de pensar, mudou minha forma de agir comigo mesmo e com as pessoas que estão à minha volta, minha forma de enxergar o mundo de enxergar o sistema.

Franklin⁹ explana que:

⁸ Larry, 18 anos, morador do Novo Horizonte, reside com a mãe e o irmão, está cursando o 1º semestre de Filosofia na UFBA, realiza trabalho informal, declara ser pardo e agnóstico teísta. O jovem tem um filho.

Porque de eu voltar para o espaço é mais ou menos por causa disso porque lá as temáticas, as vivências que são explanadas através da poesia e alguns debates que de vez em quando rola [...] O espaço do Sarau da Onça me trouxe uma visão melhor da questão de ser um jovem periférico.

De acordo com Sandro:

Convidávamos pessoas influentes, referências nas áreas de literatura e militância principalmente sobre o povo negro, não enquanto um palestrante, mas um provocador, para as pessoas saírem dali com a cabeça fervendo, cheia de ideias ou questionamentos, procurar as redes sociais ou as referências que eram usadas nas falas das pessoas convidadas.

Alguns dos temas discutidos nestas ocasiões foram: feminismo negro, comunicação, empreendedorismo negro, extermínio da juventude negra, empoderamento, violência doméstica, literatura e vivência. A dinâmica da mesa de debate ocorre da seguinte forma: o convidado propõe uma fala alternando com outras participações, tais como: um poeta recitando, o trecho de uma música, apresentação teatral, dança, a participação do público, dentre outras. Os temas são selecionados com base na votação a partir da sugestão dos organizadores. Assim, o próprio processo de construção dos tempos e espaços de debate se realiza com a participação dos frequentadores, o que corrobora a reflexão de Streck e Esteban (2013, p. 28):

Pensar criticamente não é uma faculdade ou um processo abstrato, mas sim concreto, histórico, que exige do sujeito reconhecer-se e assumir-se frente a essa historicidade, ou seja, perguntar-se para que e para quem vai servir o conhecimento ou pensamento que se quer gerar [...] Pensar criticamente não é fazer afirmações com conteúdo crítico, mas adquirir uma maneira de pensar capaz de ler criticamente o mundo por conta própria. Isto implica a formação de critérios para compreender e resolver problemas concretos em contextos cambiantes. Os critérios são razões valiosas que justificam e defendem formas de pensar e fazer que consideramos relevantes, confiáveis e potentes.

Os conhecimentos construídos no Sarau da Onça sejam através das oficinas, ou dos recitais de poesias, proporcionam uma formação baseada no pensamento crítico, levando a uma reflexão sobre a realidade, possibilitando que os participantes transformem a visão sobre si e o mundo, bem como promovam a realização de mudanças desse contexto. Na

⁹ Franklin, 24 anos, morador do Novo Horizonte, reside com a mãe, tem o ensino médio completo, realiza trabalho informal como designer, declara ser pardo e agnóstico.

roda de conversa presencial, o que predominou nos relatos dos jovens foi o conhecimento adquirido, compartilhado e dialogado no Sarau. Para Larry:

Eu fiz o Enem e eu considero que eu passei por conta das pessoas que estavam aqui comigo no Sarau da Onça que me ajudaram com muita troca de informações. Aí pessoas falavam, olha essa questão é interessante, é importante que a gente pesquise nisso, eu fui pesquisando para mim aprofundar, e a gente vai passando de um estudo para outro e nisso a gente vai acumulando conhecimento, e foi o que me levou a várias pesquisas que me levaram a conseguir essa vaga em filosofia na UFBA.

Segundo Bolha:

Se você vir uma noite no Sarau da Onça você vai ter milhares de informações trocadas tipo a poesia que eu recito é diferente da poesia que ela recita. Então as informações são diferentes, pode até citar o mesmo assunto, falar da mesma coisa, mas de forma diferente. Com isso, tipo, me incentivou a começar a escrever, mas pode incentivar você a fazer outra coisa, como te incentivou a você fazer esse trabalho aqui, como incentiva outras pessoas a se empoderar, entender o seu lugar, a realmente ter o lugar de fala para esse âmbito. E acredito que isso também pode incentivar outras pessoas, inclusive as pessoas que estão no meio da criminalidade, inclusive as pessoas que estão em outro meio, as pessoas da Polícia Militar ou qualquer outro meio de pensamento, ou da igreja evangélica, que possa te impactar, que você possa colocar seus pés no chão [...] e realmente eu tô no Brasil, eu tô na periferia, eu tô na favela, eu tô na realidade que acontece isso, não posso simplesmente fingir que isso não existe, eu não posso deixar isso para lá, eu tenho que me colocar, eu tenho que entender o meu lugar e eu espero que todo mundo procure saber, procure entender o que você quer realmente, é realidade da sua vida e assim como me motivou, espero que motive outras pessoas.

Clara¹⁰ compartilha a sua vivência e como esta a inspirou para a escrita:

Todo Sarau é uma experiência nova, cada edição tem um estalo diferente. Todo Sarau a gente sempre ouve poesias falando de racismo, sexismo e todos esses atravessamentos. E aí teve uma edição específica que tiveram duas poesias, sobre isso mesmo e aí eu fiquei pensando que não é separado, sabe, tudo faz parte do conjunto. E isso ficou marcado na minha cabeça, e aí eu comecei a escrever uma poesia juntando as duas coisas e recitar ela no Sarau me deixou extremamente satisfeita, com uma sensação indescritível, porque eu só escrevi porque eu recebi aquela mensagem.

Larry narra sobre a circulação da informação e como o enriquece:

¹⁰ Clara, 19 anos, moradora da Liberdade, reside com a mãe, pai e irmã, está cursando Bacharelado Interdisciplinar de Artes na UFBA, é estagiária de Design Gráfico, declara ser parda e não possui religião. Clara namora com Franklin, um dos jovens entrevistados.

Informações que eu pegava da poesia de outras pessoas eu acabava agregando e assimilando tudo. Tudo que os outros recitavam para mim tinha uma carga maior depois que eu me envolvi com a poesia. [...] Se torna um espaço muito rico, a gente consegue captar muito mais informação em menos tempo, das pessoas que transmite a informação através da poesia.

Acrescentamos a fala de Evanilson sobre o processo de formação:

O Sarau foi espaço de formação não só para mim, mas para diversos jovens da periferia, porque conseguimos trazer diversos atores, posso citar Vilma Reis (teve um papel muito importante na formação de diversas pessoas, até hoje quando trazemos ela, tem um efeito imediato nas pessoas) pelo discurso direto, pela forma como ela se posiciona, ela acabou de certa forma impulsionando e protagonizando diversas histórias. Outras pessoas que também passaram como o Nelson Maca, Giovanni Sobrevivente (referencial positivo pra gente) e novos poetas, como Poeta com P de Preto que é o Nilton Jr., Lara Nunes, Airam Reis.

Destacamos o saber construído no Sarau da Onça, a partir da escuta das experiências e do reconhecimento entre pares que essas histórias suscitam,

Esses coletivos populares mostram que toda experiência social, até as mais brutais, de sofrimentos, de vitimação, de opressão produz conhecimentos, indagações radicais, leituras lúcidas de si e do mundo, leituras das relações de poder, de expropriação de suas terras, leituras dos extermínios de que foram e são vítimas. Experiências tão radicais que produzem saberes radicais. Em cada um dos temas nos perguntamos por onde passam essas vivências tão radicais que provocam aprendizados radicais que levam a tomada de consciência política (Arroyo, 2014, p. 14).

Ao longo do texto, os depoimentos dos jovens demonstram a relação do aprendizado compartilhado no Sarau da Onça com a sua realidade de vulnerabilidade, de ser jovem da periferia, do genocídio negro e tantas outras opressões, como o caminhar para uma tomada de consciência. Ressalto que o viés político do Sarau da Onça será ampliado, teoricamente, mais à frente.

A criticidade para nós implica na apropriação crescente pelo homem de sua posição no contexto. Implica na sua inserção, na sua integração, na representação objetiva da realidade. Daí a conscientização ser o desenvolvimento da tomada de consciência. A consciência crítica “é a representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica”. [...] Por isso é que é próprio da consciência crítica a sua integração com a realidade [...] (Freire, 1967, p.60).

Nesse sentido a fala de Larry parece-nos ilustrativa:

Quando você começa a frequentar o Sarau, você tem visão de que existe o sistema, que ele não permite que a gente ascenda socialmente e que ele força a gente a algumas condições que acabam por ser de inferioridade, porém eles não deixam explícito isso [...]. Normalmente as pessoas que não têm acesso à informação para ter acesso à educação de qualidade, como é o caso da maioria das pessoas que estudam em escola pública, ela não sabe da existência dessas questões e acaba que elas não têm como saber se está sendo manipulada pelo sistema. Quando você chega no Sarau, ele abre seus olhos para isso, você começa a pensar diferente.

Para Clara:

Quando você começar a ir e observar a vivência parecida com a sua, começa a criar uma consciência crítica, começa a reavaliar seus pensamentos, a pensar melhor nas coisas que você vai escrever, as palavras começa a fluir melhor.

Conforme os estudos de Freire (1967, p.5), o “aprendizado deve encontrar-se intimamente associado à tomada de consciência da situação real vivida pelo educando”. O pensador acrescenta (1967, p.11): “se a conscientização abre caminho à expressão das insatisfações sociais é porque estas são componentes reais de uma situação de opressão”. Indignados pela opressão, os jovens apontam intenções e iniciativas de promover mudanças dessa realidade, como já foi mencionado anteriormente, quando Bolha assumiu organizar atividades culturais politizadas. Como exemplificam as narrativas dos jovens apresentadas abaixo:

Larry afirma,

Eu quando conheci o Sarau da Onça meus horizontes se abriram para essas pesquisas, eu percebi que todo mundo ao meu redor, por mais que eu não sofresse com isso, estavam sofrendo com essas questões, então é algo que por mais que não me acometa diretamente, me acomete indiretamente. Então eu precisava que as pessoas que não têm essas informações, tivessem acesso por algum meio.

Nesse contexto, Larry explana a intenção de lecionar em escola pública e os seus propósitos, pois:

Se eu voltar para o local de onde eu saí e levar as oportunidades que eu não tive, vai ter muito mais pessoas no local onde eu estou hoje para poder fazer o mesmo sistema e levar as informações. Se a gente que sai daqui da favela alcança algo bom e sai da favela, mas a gente não vai tá dando retorno nenhum para o local que a gente saiu, para as pessoas que apoiaram a gente aqui dentro. Então, para mim, o mais importante atualmente é devolver para as pessoas o que elas depositam em mim. [...]

E com mais pessoas informadas, a gente vai perceber que nossa força não tá na individualidade, tá na União.

A perspectiva de Clara aponta para o sentido crítico que assume o diálogo com sua mãe que é policial militar:

Eu fico conversando com minha mãe sobre essas coisas, para ela poder conversar com as outras pessoas do trabalho, principalmente por essa questão de que ela é uma mulher na polícia e ela é um pouco muito oprimida. Aí eu fico tentando falar sempre que rola alguma coisa. [...] O máximo, desconstruir a ideia que eles têm, eu sei que eu não vou conseguir, porque tá muito enraizado, eles são ótimos pais, mas tem coisas que não é o que eu acredito.

Destaco que presenciei vários momentos de solidariedade e apoio mútuo entre as pessoas que participam do Sarau. A divulgação de trabalhos de outros poetas é notável em dias de Sarau/Slam no Cenpah, bem como em outros locais. Reforço o Sarau como um espaço de fortalecimento de outras manifestações culturais da Sussuarana e de outras periferias. Esse aspecto é reconhecido pelos poetas frequentadores, ao apontarem o Sarau da Onça como um espaço de aquilombamento. Joselício Júnior publicou na Revista Fórum, em 2019, o artigo “É tempo de se aquilombar”,

Aquilombar-se na atualidade é estabelecer o Autocuidado, construir espaços coletivos de afeto, de acolhimento, de escuta, de sociabilidade, de sentidos coletivos, de fortalecimento de laços, memórias e constituição de uma identidade. Aquilombar-se é se Organizar, constituir espaços que possamos refletir e agir sobre a nossa realidade. Questionar o que está posto que nos oprime e construir demandas, ações concretas, nos colocar em movimento para mudar nossa realidade. Aquilombar-se é compreender a nossa história, nossas origens, nossa cultura, resgatar nossas memórias, é lembrar o passado, para entender o presente e construir o futuro.

O Sarau da Onça desperta o sentimento de pertencimento dos jovens ao espaço:

Para Clara,

O Sarau é extremamente importante principalmente para manter a nossa história viva, é um local extremamente aberto a pensamentos, é um local de libertação mesmo, também para poder acolher essa comunidade, envolvendo as pessoas nesse meio, sabe? Mantendo as pessoas perto da arte e da realidade ao mesmo tempo, salvando vidas atrás disso, não só por estarem salvos enquanto tá ali dentro, mas também por estarem sendo sábia ao ouvir o que é recitado.

Durante o diálogo, Paula¹¹ explicou:

O que me levou até aqui foi não ser como meus amigos que entrou no tráfico e pelo que eu passei dentro de casa em relação ao machismo. Minha mãe já apanhou do meu padrasto, e outras coisas de uma visão que eu tinha e não tenho mais através disso.

Em outro momento, Rick¹² declara que:

O Sarau da Onça tem o poder de ser degrau para você, eles estão ali, você sempre sabe que eles estão ali, eles te dão um impulso tão grande e têm uma energia tão boa que acaba te levando pra cima.[...] Até então é uma coisa que me reconfortava nos meus momentos de Fúria de Titãs, quando eu me estressava muito, tipo com esses casos que eu não sabia me impor, como os de homofobia, eu sempre chorava muito. Acho que se eu não tivesse conhecido o Sarau, eu não teria nunca sido a pessoa que eu sou hoje.

As relações com os diferentes tornam-se um momento de aprendizado, de troca, amizade, afeto, empatia e solidariedade. Para Bolha, “foi criado meio que uma relação assim de brincadeira como é o Sarau da Onça; é um Sarau bem descontraído”.

Assim, Jamile Santana e colaboradores (2019, p. 13) analisam os saraus dessa perspectiva de espaços de resistência, organização, reflexão, ação, mas também de tessituras sócio afetivas:

Saraus são, com frequência, vividos, experimentados como quilombos urbanos que são. [...] Além de terem se firmado como espaços de fruição e de convivência comunitária, como espaços onde reconhecer-criar-viver pertencimentos, saraus são também espaços a partir de onde pensar-se. Territórios de reexistência [...].

Os autores mencionados acima acrescentam os estudos de Abdias Nascimento (2009) sobre a noção de quilombismo como “genuínos focos de resistência física e cultural”. O depoimento de Larry expressa o sentido de solidariedade e união construídos nas relações no âmbito do movimento/espço:

Quando eu comecei a frequentar, eu tive contato com todas essas pessoas (amigos da época do colégio, vizinhos, e eu não sabia que frequentavam), e também os organizadores e frequentadores do Sarau. Todas aquelas pessoas compartilhava da mesma realidade que a minha, como morador da periferia, passavam pelas mesmas dificuldades, os mesmos problemas, enfrentavam cada uma da sua forma, mas todos unidos ali no Sarau, mas

¹¹ Paula, 18 anos, moradora do Novo Horizonte, reside com a mãe, o padrasto e 3 irmãos, está cursando o ensino médio, realiza trabalho informal como trancista, declara ser parda.

¹² Rick, 19 anos, morador da Sussuarana, reside com o pai, tem o ensino médio completo, realiza trabalho informal, declara ser negro e candomblecista.

usando um único meio, a poesia. Ali pra mim era o diferencial do Sarau, diante de vários eventos culturais, as pessoas ali são muito unidas.

As narrativas e as descrições das atividades desenvolvidas revelam a força da educação popular presente no Sarau da Onça, um trabalho político de conscientização e libertação. Destacamos o campo estético e político da poesia marginal, recorrendo à arte da escrita e da voz como instrumento de denúncia e enfrentamento da opressão. Através da poesia e literatura marginais, das oficinas e palestras, o Sarau proporciona um leque de informações que provocam questionamentos, um pensar crítico sobre a realidade da periferia e as diversas formas de opressão, como o racismo e a desigualdade social.

O saber compartilhado e dialogado com os jovens fomenta a busca por novos saberes, a reflexão e o desejo da ação transformadora e libertadora, desmitificando a falsa imagem da periferia como um espaço exclusivamente violento, visibilizando a cultura e o saber popular, com incentivo à leitura, à escrita, ao reconhecimento da identidade negra e periférica, da representatividade, da capacidade e do direito do povo preto da periferia de ocupar espaços acadêmicos, da arte, da poesia, da literatura, ou seja, ser o que quiser.

“A poesia salva”: reescrevendo a vida das juventude (s) das periferias

Cabe enfatizar a diversidade de manifestações artísticas e culturais no Sarau da Onça, bem como a íntima relação dos poetas marginais com o movimento do Hip Hop e suas expressões. Conforme os estudos do pesquisador da UNEB, Manoel Araújo Neto (2019, p. 91), “o Hip-Hop é um movimento sociocultural que surgiu no início dos anos de 1970 no bairro suburbano do Bronx, na cidade de Nova Iorque –EUA”.

Juarez Dayrell (2001) em sua tese de doutorado sobre o significado do Rap e do Funk na socialização da juventude em Belo Horizonte se refere a “[...] jovens que aderiam à “ideologia” do movimento hip hop, com uma proposta mais radical, ligados a um som menos dançante, mais marcado, com letras que faziam críticas políticas ao sistema, a denúncia da realidade social” (Dayrell, 2001, p. 49). Logo, parece-nos claro o diálogo com a educação popular, pois, conforme Brandão (2000, p.24), esta perspectiva educacional:

[...] define a educação como instrumento político de conscientização e politização, através da construção de um novo saber, ao invés de ser apenas um meio de transferência seletiva, a sujeitos e grupos populares, de um “saber dominante” de efeito “ajustador” à ordem vigente — este é o sentido em que ela se propõe como uma ampla ação cultural para a

liberdade a partir da prática pedagógica no momento de encontro entre educadores-educandos e educandos-educadores [...].

O teor político é uma associação presente nas temáticas musicais do rap e na produção de texto dos poetas marginais. Neste sentido, acrescentamos as ideias de Streck e Esteban (2013, p.26):

Resta, portanto, para a educação popular, o desafio de retomar e potencializar o conteúdo do “popular” [...] como categoria política que dá conta do conjunto de sujeitos e práticas que evidenciam, denunciam e buscam subverter as múltiplas opressões e exclusões da democracia imperante.

Presenciei, no Sarau, momentos de conexão com essa manifestação cultural, por exemplo, nos intervalos de apresentações de poesias. Seja em dias de Sarau ou durante o Slam, tocava-se músicas, bem como solicitava-se sugestões do público. Na maioria das vezes, eram músicas dos Racionais e a plateia (na sua maioria os jovens frequentadores assíduos) acompanhavam cada música como um coral afinado, algumas vezes faziam comentários sobre a relação da letra da canção com as suas realidades.

Para Marília Sposito (2000, p. 84):

O rap desvela sua produção cultural, sobretudo, nas letras das músicas que denunciam a realidade da exclusão do jovem pobre, sobretudo aquele de origem negra. [...] Sua expressão social predominante é articulada a uma denúncia da exclusão e do racismo, visíveis na violência policial e na falta de alternativas para os jovens, sobretudo os pobres e negros.

Sendo assim, é possível destacar que a semelhança entre os hip hoppers/rappers e os jovens do Sarau da Onça também é no sentido da atuação enquanto representantes da periferia e seus moradores.

Recorremos aos estudos de Enrique Dussel (2018), que apresenta as hipóteses geradoras para uma estética da libertação; assim, destacamos aquela que trata da mútua determinação dos campos estético e prático (político, ético, técnico, ideológico, etc.). Desse modo, é possível apontarmos a relação da estética e da política na poesia marginal, através da escrita e na voz de jovens que denunciam a realidade de opressão, que têm o compromisso consigo mesmos, com a periferia e seus moradores. “O campo estético pode estar (e é inevitável que esteja) determinado pelo campo político [...] as obras de arte expressam a interpretação da história de um povo oprimido e seu processo de libertação” (Dussel, 2018, p. 18).

Conforme a narrativa de Bolha:

A questão da poesia é tipo você sentir raiva daquilo que tá acontecendo, é você se comover com aquilo, é você tomar para si, querer expressar para outras pessoas. [...] São coisas que me inspiram demais para escrever, atualidades e fatos que ocorrem realmente, que quase ninguém vê ou as pessoas veem e descarta.

Segue um trecho da poesia produzida por Bolha:

Regressão

[...] Tento passar minha informação, minha denúncia, minha realidade
Só não aceita quem é covarde
Pois recito para gueto, no gueto, pelo gueto [...] Vivo em Salvador. A
procura de um pregador Que me responda, por favor. Por que minha fé é
tão falha? Não foi o suficiente pra salvar os irmãos. Que sumiram em um
simples click de uma bala.

Rick explana sobre suas poesias:

Minhas poesias falam absolutamente sobre a minha sexualidade, fala sobre minha cor, fala sobre o estereótipo do gordo, entendeu? Eu tento puxar muito para o lado homossexual, são vozes que são pouco faladas.

Os movimentos do rap e da poesia marginal estão no engajamento político, com reivindicação e denúncia referente a temas como a desigualdade social e violência vivenciada pelos periféricos, enfim, suas experiências no cotidiano.

Acrescento, ainda, como atividade importante destes coletivos, as batalhas de rima, como a “Batalha do Pega Visão”, que acontece a cada quinze dias, às sextas-feiras, na entrada do Novo Horizonte. Atualmente, Bolha é um dos organizadores do Pega Visão. De acordo com ele, são realizadas intervenções poéticas no evento e, portanto, ali tem o diálogo entre a poesia e o rap. Destaco o depoimento de Rick, referente às suas experiências nos espaços das batalhas de rimas, que têm uma perspectiva crítica a partir de sua condição de homossexual:

Eu me sinto super desconfortável em estar em espaços aonde só tem visão de heteronormativo e heteroescretos, a batalha de rap é uma coisa aberta aonde muitas vezes um hétero não tem respeito, porque a maioria das pessoas que batalham são héteros; nunca tem uma mina batalhando, entendeu? E são espaços super desrespeitoso (sic), aonde um hétero fica esculhambando o outro; antigamente existia batalhas de conhecimento, onde as pessoas tinham conhecimento nas rimas.

Portanto, fica evidente que não há um sentimento homogêneo em relação a esse espaço e clivagens, como a sexualidade, cria posições conflitivas entre os jovens que compartilham condições de vida, horizontes estéticos e políticos comuns.

Bolha explica sobre o processo da batalha do Pega Visão:

Geralmente, o tema é livre; são coisas como criminalidade, políticas, coisas que geralmente acontece; claro que, às vezes, não saindo do âmbito de batalha, mas sempre nesse foco. A gente tenta prezar a ideologia, a mensagem. Tá ali, batalhar, um vai atacar, o outro vai defender, mas a gente sempre gosta de buscar a integridade. Então já aconteceu de desclassificar Mestre de Cerimônia (Mc) por conta de condutas inadequadas, de falas que não são apropriadas.

Nesse sentido, percebemos a diversidade no formato das batalhas de Rima, de conhecimento, enquanto outras utilizam a rima para outros fins. E é interessante notar as críticas ao machismo e à competitividade hétero, e o caráter pedagógico e disciplinar expresso nas desclassificações por falta de postura, o que aponta para um sentido ético e político.

Outro âmbito de circulação da poesia é o transporte público:

Essa gente que durante muito tempo foi e é moída dentro dos ônibus lotados ao ir e voltar do trabalho e cuja única dose de lazer e cultura eram as pílulas anestésicas da televisão, agora tinha um dia para comungar a palavra, uma palavra que a gente não tinha e que agora era a nossa voz (Sergio Vaz, 2008, p. 114).

Bolha versou sobre a sua experiência poética nos ônibus:

Às vezes as pessoas acham que o poeta entra ali para poder fazer o trabalho só pensando no dinheiro, mas não tem como você se sustentar disso. Realmente tem como você sustentar, mas você tem que fazer uma carga horária, para poder ganhar um dinheiro. Só que a gente não fazia assim, a gente recitava 3 a 4 poesias no ônibus, fazia realmente um Sarau dentro do ônibus e a moeda era como se fosse um agradecimento pelas pessoas, não era só o dinheiro, era as pessoas olharem para gente, tipo assim, se abismar. Aí você tá no seu ônibus, você tá naquela coisa monótona indo para o trabalho, voltando e do nada entra o poeta, e te dá esse choque de realidade e você fica, tipo, é mesmo! É sério que isso acontece?!

Cabe ressaltar que os depoimentos evidenciam a importância da poesia marginal nos transportes públicos, com transmissão de informações e a intenção de fomentar o pensamento crítico coletivo através da arte poética. Nesse contexto Larry diz que:

Como essa informação chegou a mim através da poesia, eu comecei a tentar levar essas informações para outras pessoas no buzu, por mais que ela não quisesse escutar, mas é uma informação, precisa ser

compartilhada. Os veículos midiáticos não compartilham a nossa vivência, a informação do que acontece aqui dentro, eles compartilham o que eles querem que as pessoas saibam o que acontece aqui dentro, no caso é morte a violência.

Questionadas sobre esse contexto, Paula e Clara revelaram que sentiam vergonha de recitar nesses espaços; ambas trouxeram a preocupação com a reação dos passageiros. No entanto, a poesia marginal empodera jovens da periferia, conforme analisa Eduardo Santos (2013, p. 74):

A arte empodera a pessoa e essa afirmação contém uma força surpreendente. O que eu quero indicar, no entanto, é que através da arte e da educação a pessoa se torna mais crítica e se coloca no tempo e no espaço com uma dimensão mais atuante, mais prospectiva, não ficando refém do aqui-agora das relações, sem um projeto de vida ou mesmo um sentido e uma força para seguir em frente nas suas escolhas e modos de vida.

Cabe mencionar que o Coletivo Arte no Buzu é um trabalho desenvolvido por três jovens poetas (Maiara Silva, França Mahin e Negro Roh) “nos coletivos de Salvador com objetivo de despertar o senso crítico, trazer a poesia como ato de liberdade, e assim através dos nossos textos falar dos nossos incômodos, vivências dentro da escrita negra periférica”, informações retiradas do Facebook de Maiara, uma das idealizadoras do Sarau da Onça e do Grupo Ágape.

O transporte público faz parte da minha rotina diária; assim, já vivenciei diversas manifestações poéticas no “buzu”, meninos e meninas recitando, geralmente conteúdos relacionados à periferia, racismo, violência policial e críticas à conjuntura política. Após declamar uma ou duas poesias, eles solicitam aplausos. Em alguns casos, também há divulgação do trabalho em redes sociais ou venda de panfletos. E como forma de contribuição, solicitam dinheiro ou qualquer moeda, mas é comum afirmarem que o agradecimento pode ser também através de abraços, sorrisos, aperto de mão. Observando as reações dos passageiros, algumas pessoas ficam atentas à declamação; outras, que já estavam conversando, geralmente permanecem nesse estado. A maioria responde com aplausos, alguns poucos dão moedas, e presenciei aqueles que apertam a mão e até há quem abrace. Para Dussel (2018, p. 27):

É a produção artística dos povos que começam a descobrir suas próprias *aísthesis* (ou compreensão da beleza) e que, lentamente, com instrumentos próprios ou modernos (frequentemente modificados), produzem suas obras de arte, na música, pintura, literatura, dança, arquitetura etc.

Os relatos dos jovens, referentes às suas experiências estéticas e educativas com o Sarau da Onça e a poesia marginal, revelam um processo de libertação, empoderamento e transformação da sua realidade e dos pares. Logo, possibilitam um leque de reconhecimentos, da sua criação poética, estética e politizada, do seu espaço periférico, de produtores de conhecimento e tantos outros, elevando, assim, a autoestima de jovens que têm estereótipos de destinos traçados para o crime e desacreditados do seu protagonismo em construir outras histórias.

Como foi demonstrado em vários relatos dos jovens entrevistados, bem como nas observações no espaço do Sarau da Onça, “a poesia salva”, liberta, transforma e visibiliza a existência da(s) juventude(s) periféricas. Para Rick:

Se não fosse a poesia eu não seria a pessoa que sou hoje. Eu era uma pessoa que eu não sabia me posicionar, não sabia falar, a poesia me inticou a começar a ler muito. Eu acho que foi a poesia que me salvou quando eu fui morar sozinho, os corre de poesia super me salvaram, entendeu? Foi aquela coisa, quando eu tava precisando, ela tava lá. Era ela ou era, sabe?

Arroyo (2014, p. 45) acrescenta que: “quando defendem a igualdade levam suas lutas mais a fundo, igualdade no ser, no viver, no ser reconhecido como humanos, não desiguais, porque inferiores, sub-humanos”. Destaco a fala de Franklin: “tem muita coisa que tem nos salvado, tem feito a vida valer a pena, sabe? trouxe uma perspectiva melhor pra minha vida, inclusive no futuro, e tal”. Para Santos (2013, p. 75): “a arte protege o humano, pois é um processo de elaboração importantíssimo na constituição da nossa subjetividade, por isso ela precisa ser levada em conta como um dos níveis de desenvolvimento humano”.

As vozes dessas experiências gritam que não aceitam mais as migalhas que vêm do opressor, querem um mundo novo, no qual a riqueza seja a vida, a liberdade de ser. Escutemos essas vozes que expressam uma apropriação da realidade e dos seus atravessamentos subjetivos e políticos. Segue a poesia escrita pelo jovem Larry:

Vingança

Mais uma vez a favela sangra e chora a morte de mais um inocente. Mais um estudante, mais um trabalhador. Gente da gente. [...] Quanto mais negros o estado mata mais nascem revoltados. Eu só não quero que venham desmerecer os poetas e a poesia. A gente se arrisca. Fazendo isso aqui um de nós pode amanhecer no Cia. Já tiveram a coragem de falar pra mim que cota gera desigualdade. Como você quer competir com alguém que não tem um ensino de qualidade. Você fala essas “paradas” porque nunca passou necessidade. E fica revoltadinho se ver um favelado na universidade. Vocês acharam que iam escravizar o meu povo e ia ficar

por isso mesmo? Não! Chegou a hora da cobrança. E vocês ainda dão sorte que os pretos estão aqui pedindo igualdade e não vingança!

Tal expressão poética parece reverberar as ideias de Frantz Fanon (2008, p.181):

Peço que me considerem a partir do meu Desejo. Eu não sou apenas aqui-agora, enclausurado na minha coisidade. Sou para além e para outra coisa. Exijo que levem em consideração minha atividade negadora, na medida em que persigo algo além da vida imediata; na medida em que luto pelo nascimento de um mundo humano, isto é, um mundo de reconhecimentos recíprocos.

O reconhecimento e a visibilidade da história dos jovens da periferia na sua condição humana, afirmando a sua diversidade de raça, de classe social, de cultura, de gênero, de religião e sua orientação sexual, são saberes construídos presentes na poesia marginal e no Sarau da Onça. Enfim, o Sarau da Onça é um espaço que produz autoras/es, formando a subjetividade de jovens com iniciativa, capacidade crítica e reconhecimento da sua escrita literária. Logo, os atores/autores de políticas são os nativos e nativas da periferia, fazendo história, conscientes de que são protagonistas, que querem viver, mas, não com o mínimo, e sim com dignidade, com humanidade, com liberdade na sua plenitude.

Considerações finais

Neste trabalho refletimos sobre a experiência educativa e estética do coletivo cultural Sarau da Onça, a partir do ponto de vista dos jovens participantes. Para tanto, buscamos o diálogo dos teóricos com os depoimentos dos jovens e dos organizadores do Sarau da Onça.

Foi possível observar que o Sarau da Onça é um espaço de educação popular e de estética na busca da libertação, com luta, resistência, empoderamento e o protagonismo de sujeitos historicamente marginalizados e estigmatizados, contemplando a diversidade do povo periférico. Constatou-se que o coletivo realiza um trabalho politizado através da produção de cultura, arte, poesia e literatura. São obras de arte criadas pelo próprio povo oprimido, que tratam das suas histórias de opressão.

Tal experiência fomenta o pensamento crítico, a tomada de consciência, com reflexões e ações de denúncia e engajamento político que visam mudanças da realidade de si e do mundo, bem como uma visibilidade da potência do povo periférico.

Assim, as narrativas que aqui tratamos, referentes às experiências educativas da(s) juventude(s) das periferias, demonstram a capacidade de organização, o trabalho educativo articulado, a parceria com outras instituições, como a igreja, através de suas pastorais.

Os relatos dos jovens demonstram que a poesia marginal e o Sarau da Onça elevam a sua autoestima, possibilitam acreditar na sua capacidade e valorização enquanto produtores de conhecimento, escritores, poetas, criativos e protagonistas de histórias diferentes daquelas estereotipadas do jovem da periferia no caminho da marginalidade. Além disso, assumem a sua responsabilidade com o coletivo, fomentando para os seus pares o reconhecimento da sua dignidade humana. Além disso, ampliam radicalmente o sentido das experiências educativas na contemporaneidade apontando para sentidos críticos e desconolonizadores.

Referências

ALMEIDA, Márcio Nery de. **Viver a comunalidade na escola: para além das habilidades e competências do currículo escolar**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp080957.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2019.

ARAÚJO NETO, Manoel Alves de. **Experiências e educação: percepções acerca da formação intelectual de mc's negros/as do recôncavo da Bahia**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2019/10/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Manoel_Neto.pdf. Acesso em: 14 mar. 2020.

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, Outras Pedagogias**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001. Disponível em: <http://bdae.org.br/bitstream/123456789/1591/1/tese.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2019.

DUSSEL, Enrique. Sete hipóteses para uma estética da libertação. Tradução de Luciano Costa Santos. **Práxis. Revista de Filosofia**. ISSN: 1409 – 309X. Jun. 2018.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrivivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

JUNIOR, Joselício. **É tempo de se aquilombar**. Revista Fórum, abr. 2019. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/opiniaio/2019/4/29/tempo-de-se-aquilombar-55485.html>. Acesso em: 20 mar. 2020.

Maiara Silva, 16 jul. 2011. Facebook: Maiara Silva. Disponível em: <https://www.facebook.com/maiara.silva.7587>. Acesso em: 06 mar. 2020.

MINAYO, M^a Cecília de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

SANTANA, Jamile; CERQUEIRA, Rool; JESUS, Valdeck Almeida; BONFIM, Carlos. Salvador > saraus: quilombismos. In: DALCASTAGNÈ, Regina; TENNINA, Lucía (org.). **Literatura e Periferias**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2019. Disponível em: https://rl.art.br/arquivos/6837_294.pdf. Acesso em: 06 abr. 2020.

SANTOS, José Eduardo F. **Nascente da beleza: história, arte, religiosidade e música na cultura popular brasileira**. São Paulo: Scortecci, 2013.

SARAU DA ONÇA (org.). **O diferencial da favela: dos contos às poesias de quebrada**. Vitória da Conquista: Galinha Pulando, 2019.

SILVA, Sérgio Ricardo Santos da. **O cordel pilando (re)elaborações de valores comuns e perspectivas de educar: a Pedagogia da onça**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <http://www.saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/672>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 73-94, 2000. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782000000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 14 maio 2019.

STRECK, Danilo R.; ESTEBAN, Maria T. (org.). **Educação Popular**: lugar de construção social coletiva. Petrópolis: Vozes, 2013.

VAZ, Sergio. **Cooperifa**: Antropofagia Periférica. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

WENDEL, Bruno. Sussuarana em represália à morte de chefe do tráfico. **Jornal Correio da Bahia**, Salvador, mar.2019. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/salvador/-dois-homens-sao-mortos-em--sussuarana-em-represalia-a-morte-de-chefe-do-trafico--0319>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

Recebido em março de 2025.

Aprovado em julho de 2025.